

O Fórum Humboldt no período pós-Ouagadougou

Victor Velu Fonseca Zaiden Soares,

Universidade de Brasília (UnB)

RESUMO

Palavras-chave: Fórum Humboldt; Museu Etnológico; restituição; Berlim.

A comunicação analisa os objetivos e o papel conferidos ao centro cultural Fórum Humboldt no âmbito do debate sobre a restituição de objetos culturais e históricos adquiridos em contextos de exploração colonial. Previsto para ser inaugurado em etapas a partir de 2020, em Berlim, o local exibirá parte do acervo do Museu Etnológico da cidade. Esses pontos são confrontados com o estudo feito pela historiadora da arte Bénédicte Savoy e pelo economista Felwine Sarr sobre a situação de objetos desse tipo no cenário dos museus franceses. A conclusão dos pesquisadores passou a gerar pressão em instituições de toda a Europa, com destaque para a administração do Fórum Humboldt, impelida a assumir o passado colonial dos acervos não-europeus e pensar em possíveis restituições desse patrimônio.

ABSTRACT

Keywords: Humboldt Forum; Ethnological Museum; restitution; Berlin.

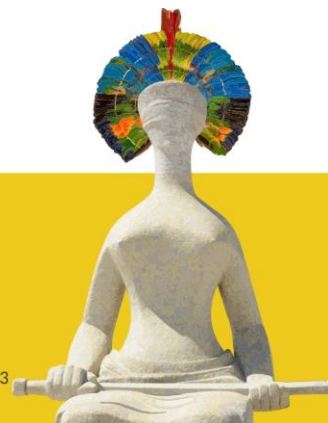
The paper analyses the goals and purposes of the cultural center Humboldt Forum in the context of the debate about the restitution of cultural and historical objects acquired under colonial domination. Scheduled to be opened in steps by 2020 onwards in Berlin, the place will host part of the collections

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



of the city's Ethnological Museum. These aspects are discussed based on the report wrote by the art historian Bénédict Savoy and the economist Felwine Sarr on the state of similar objects in French museums. Their conclusion turned out to make pressure in institutions around Europe including the administration of the Humboldt Forum, publicly demanded to assume the non-European collection's colonial past and think of possible restitutions of this heritage.

INTRODUÇÃO

A comunicação analisa o formato concebido para o centro cultural Fórum Humboldt [*Humboldt Forum*], previsto para ser aberto em etapas a partir de setembro de 2020, em Berlim. A instituição é tida como o projeto cultural mais importante do início do século XXI na Alemanha⁴⁸ e chama a atenção por dois fatores: i) a reconstrução parcial do Palácio da Cidade de Berlim [*Berliner Stadtschloss*]; e ii) por abrigar futuramente parte das coleções do Museu Etnológico de Berlim [*Ethnologisches Museum*] e do Museu de Arte Asiática [*Museum für Asiatische Kunst*]. O percurso que marca a concepção do centro inicia-se em 1999 e está ligado à nova configuração urbana da cidade que, com a queda do muro em 1989 e a reunificação da Alemanha em 1990, passa por profundas mudanças em sua organização urbana após mais de 40 anos dividida politicamente entre dois países. Não obstante, o fórum atende a esforço crítico de recontextualização das coleções públicas de arte

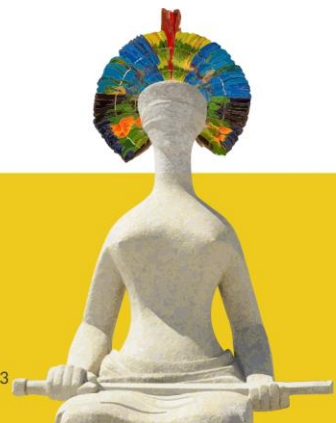
⁴⁸ PARZINGER, 2011, p.15.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



não-ocidental, especialmente no que tange ao acervo do Museu Etnológico, cuja coleção compreende cerca de 500 mil objetos de povos não-europeus⁴⁹.

A presença desses objetos no Fórum Humboldt é alvo de críticas por parte de diferentes instituições e acadêmicos, tendo-se em mente o contexto de colonização em que grande parte deles foi adquirida. Essa situação ganhou nova dimensão na esfera pública após a conclusão de estudo encomendado pelo presidente da França Emmanuel Macron à historiadora da arte Bénédicte Savoy e ao economista Felwine Sarr sobre condições para a restituição de objetos africanos em coleções de museus franceses. Savoy, nascida em Paris, é professora da *Technische Universität* de Berlim e conduz pesquisas sobre deslocamento de objetos culturais e roubo de obras de arte. Além de seus trabalhos em economia, o senegalês Sarr escreve sobre questões relativas à descolonização do continente africano.

Cabe ressaltar que entre 2015 e 2017 Savoy pertenceu ao conselho consultivo do Fórum Humboldt, órgão formado por acadêmicos e destinado a orientar a direção do centro cultural. A saída de Savoy foi motivada pelo seu descontentamento em relação à precária atenção conferida às pesquisas sobre a proveniência dos objetos etnológicos. Em entrevista ao jornal alemão *Süddeutsche Zeitung*⁵⁰ em julho de 2017, dias após sua saída do Fórum Humboldt, a pesquisadora expôs sua opinião sobre questões sensíveis ao formato concebido ao lugar e o comparou à usina nuclear de Chernobyl pelo esforço em obliterar informações sobre a proveniência de objetos marcados pela violência colonial, tóxicas à reputação do centro.

⁴⁹ A informação pode ser consultada no site do Museu Etnológico de Berlim, disponível em: <https://www.smb.museum/museen-und-einrichtungen/ethnologisches-museum/ueber-uns/profil.html>. Acesso em 17 de julho de 2019.

⁵⁰ O conteúdo da entrevista pode ser conhecido em: <https://www.sueddeutsche.de/kultur/benedicte-savoy-ueber-das-humboldt-forum-das-humboldt-forum-ist-wie-tschernobyl-1.3596423?reduced=true>. Acesso em 20 de julho de 2019.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

No relatório, Sarr e Savoy⁵¹ recomendam que a França acate pedidos de restituição de objetos adquiridos como espólio de guerra por exército francês ou estrangeiro, bem como de itens doados a museus franceses por administradores coloniais ou após a realização de “expedições científicas” na África e também no caso de objetos adquiridos após a independência de ex-colônias francesas, se comprovado que a aquisição tenha se dado ilegalmente. Segundo os encarregados da pesquisa, pedidos de restituição somente poderiam ser negados caso houvesse comprovadamente o consentimento por parte dos proprietários nas comunidades originárias. Com base na Convenção Sobre Objetos Culturais Roubados ou Ilegalmente Exportados, editada em 1995 pelo Instituto Internacional para a Unificação do Direito Privado (Unidroit)⁵², Savoy e Sarr recomendam que seja aplicado o princípio da reversão do ônus da prova no caso de pedidos de restituição que recaiam sobre objetos adquiridos em expedições “científicas” ou doados aos museus por membros de missões militares nas colônias ou por seus familiares.

Macron encomendou o estudo meses após proferir discurso em novembro de 2017 na Universidade de Ouagadougou, capital de Burkina Faso, ex-colônia francesa na África Ocidental, ocasião em que se comprometeu a mover esforços para, dentro de cinco anos, criar as condições para o retorno temporário ou permanente de patrimônio cultural africano alojado em museus franceses⁵³. A declaração surtiu efeito não apenas no âmbito francês, mas em outros museus europeus que possuem acervo formado por patrimônio semelhante, entre eles o Museu Etnológico de Berlim. Por ser o Fórum Humboldt o local onde o acervo daquele museu estará disponível ao público, concentra-se nele o debate alemão sobre a restituição de patrimônio cultural. Em artigo publicado no portal

⁵¹ SARR; SAVOY, 2018.

⁵² O texto integral da Convenção poder ser encontrado em: <https://www.unidroit.org/instruments/cultural-property/1995-convention>. Acesso em 18 de julho de 2019.

⁵³ O discurso completo de Macron pode ser encontrado em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2017/11/28/emmanuel-macrons-speech-at-the-university-of-ouagadougou.en>. Acesso em 18 de julho de 2019.



Modern Ghana, o jurista ganense Kwame Opoku⁵⁴ sustenta que a declaração de Macron é um marco nas relações entre os continentes e que as razões das restituições na França podem ser aplicadas aos demais museus europeus que guardam patrimônio africano. Esse marco, Opoku denominou como “período pós-Ouagadougou”.

O artigo analisa os fundamentos do Fórum Humboldt em consonância com os impactos engendrados com a publicação de Sarr e Savoy e as respostas da Alemanha à questão das restituições de patrimônio cultural em diálogo com seu passado colonial, o que está igualmente ligado a críticas ao lugar escolhido para sede do Fórum Humboldt.

O CENTRO [MULTI]CULTURAL

Segundo Hermann Parzinger⁵⁵ um dos ex-diretores fundadores do Fórum Humboldt, a organização tem como princípio pensar o mundo de maneira global. Para ele, isso será possível por meio do diálogo entre artes e ciências, no intuito de oferecer ao público diversas atividades culturais. Parzinger complementa que o olhar ocidental será tensionado pela convivência com outros modos de ver. Para que se compreenda a organização do centro e a proposta de exibição dos acervos do Museu Etnológico e do Museu de Arte Asiática, são de grande valia relatos publicados por Viola König, diretora do Museu Etnológico entre 2001 e 2017. Na publicação elaborada por König *et al*⁵⁶ consta que o Fórum Humboldt é entendido como uma rede global para a mediação de arte, cultura e formas

⁵⁴ 2017, *online*

⁵⁵ *Ibid.* p.20.

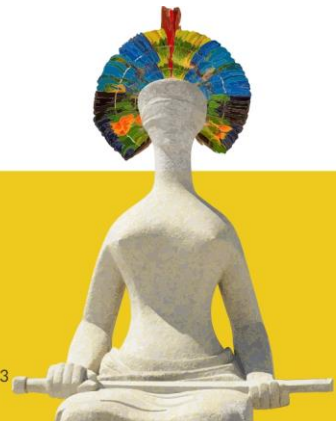
⁵⁶ 2009, p.8

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



de vida não-europeias através de exposições e eventos. Ao ser nomeada diretora do museu, König recebeu a tarefa de elaborar novo conceito à exibição das coleções no futuro Fórum Humboldt⁵⁷.

Entre 2002 e 2008 funcionou o grupo Fórum do Museu [*Museumsforum*], dirigido por König e pelo historiador da arte Horst Bredekamp. Como exposto por König⁵⁸, nesse período foram realizados *workshops* que buscaram mirar caminhos às seguintes perguntas: “Como exibir culturas e objetos de arte não-europeus em metrópoles ocidentais?”, “como estimular a cooperação entre cientistas e o pessoal de museus?”. O trabalho foi complementado com a criação em 2011 de um conselho consultivo formado por acadêmicos e profissionais de museus de diferentes partes do mundo. O órgão segue em atividade e sua função é orientar a direção do Fórum Humboldt, atualmente dirigido pelo gestor cultural Hartmut Dorgerloh⁵⁹.

König⁶⁰ afirma que após a conclusão dos debates, foi decidido que seria mantida a divisão geográfica nos espaços reservados às coleções. Não obstante, ela esclarece que, para evitar o predomínio de uma narrativa eurocêntrica, em vez da exposição permanente, foram criados 28 módulos temáticos que tratam da produção material dos povos que compõem as coleções. Dessa forma, haveria uma rotatividade entre os módulos em exibição. Eles atenderão a três diretrizes expositivas: i) confrontação entre múltiplas abordagens curatoriais e consultivas; ii) estabelecimento de pontes entre passado e presente e iii) inclusão dos visitantes e de descendentes das sociedades de origem⁶¹. König ainda ressalta a necessidade de se construir relações de longo prazo com os povos de origem e estabelecer laços de confiança e contemplar pedidos de empréstimos de obras.

⁵⁷ KÖNIG, 2011, p.9

⁵⁸ Ibid. p.10.

⁵⁹ A composição do conselho pode ser encontrada no site do Fórum Humboldt. Disponível em: <https://www.humboldtforum.org/en/pages/international-experts/>. Acesso em 19 de julho de 2019.

⁶⁰ Id. 2016, p.82.

⁶¹ Ibid, p.83.



O ACERVO DO MUSEU ETNOLÓGICO NO FÓRUM HUMBOLDT

Para que se possa problematizar o acervo à disposição do Fórum Humboldt é preciso conhecer suas origens. Grande parte do patrimônio do Museu Etnológico de Berlim foi reunida no período em que formalmente a Alemanha participou da corrida colonial, especialmente entre 1873 e 1905, quando o etnólogo Adolf Bastian (1826-1905), primeiro diretor da casa, manteve laços estreitos, ainda que nem sempre alinhados, com a administração do Império Alemão. Sobre a aquisição do acervo daquele museu, Cornelia Essner⁶² relata a partir de documentos e correspondências o arranjo institucional articulado por Bastian para que a casa dirigida por ele tivesse preferência no recebimento de objetos removidos durante as expedições coloniais financiadas pelo Império. Isso está ligado à forma com que esse patrimônio foi reunido. Essner⁶³ cita fragmento de carta enviada em 1897 pelo viajante alemão Richard Kandt a Felix von Luschan, então diretor ajunto do Museu Etnológico e sucessor de Bastian. Nas palavras de Kandt: “é sobretudo muito difícil obter um objeto sem se utilizar um mínimo de violência. Acredito que metade de seu museu seja roubada” (tradução nossa).

Sobre a questão da proveniência das obras do museu Etnológico, König⁶⁴ relata que inicialmente havia uma expectativa política de que somente objetos com proveniência conhecida e afastada do passado colonial fossem exibidos. No entanto, o caminhar das pesquisas revelou a precariedade do conhecimento sobre os objetos no acervo do Museu Etnológico, de modo que foi optado por exibi-los acompanhados de informações sobre suas origens e pesquisas em curso. Como isso será feito ainda é uma questão em aberto e que poderá ser avaliado após a abertura do museu. Em relação ao passado colonial, a então diretora do museu defende que as coleções etnográficas jamais podem ser

⁶² 1986, p.74-76.

⁶³ Ibid, p.77.

⁶⁴ Id. 2016, p.83-84.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

explicadas sem que sejam discutidas as circunstâncias em que foram coletadas por europeus e como elas chegaram até Berlim⁶⁵.

A QUESTÃO DO ENDEREÇO

O problema da origem colonial do acervo do Museu Etnológico é reforçado pelo local escolhido para sediar o Fórum Humboldt. Isso se dá pela reconstrução, ainda que parcial, do Palácio da Cidade⁶⁶ (figura 1), um dos símbolos do governo imperial alemão. O emprego do termo reconstrução se dá em função do destino que o palácio teve no século XX. Com a segmentação da Alemanha e de Berlim a partir de 1949, o Palácio, severamente danificado durante a Segunda Guerra Mundial, estivera localizado na área da então socialista República Democrática da Alemanha (RDA). Em 1950, a edificação foi demolida e mais tarde deu lugar a outra, mais alinhada com os auspícios do regime.

⁶⁵ Ibid. p.84.

⁶⁶ Informações sobre a história do Palácio da Cidade de Berlim podem ser encontradas na página oficial do edifício. Disponível em: <https://berliner-schloss.de/das-historische-schloss/baugeschichte/>. Acesso em 18 de julho de 2019.





Figura 1. Max Missmann – Panorama noroeste do Palácio da Cidade (dir.), à esquerda vê-se a catedral de Berlim e o início das Ilha do Museu, 1904. Fotografia. Fonte: site do Fórum Humboldt e acervo do *Stadtmuseum Berlin*.

O que era um palácio barroco até 1950, deu origem a uma edificação moderna a partir de 1976. O chamado Palácio da República [*Palast der Republik*] (figura 2) tornou-se o centro para grandes eventos políticos e culturais da RDA.



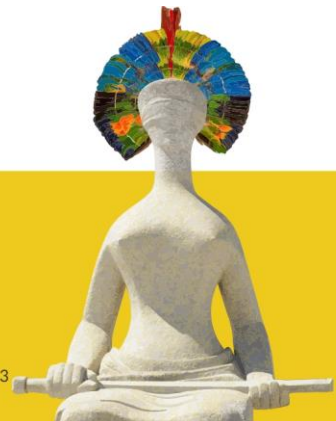
Figura 2. Junge Heinz - Palast der Republik, 1976. Fotografia. Fonte: Arquivo Federal da Alemanha [*Bundesarchiv*]

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Em 1990, após a queda do muro, a edificação foi fechada sob alegação de contaminação por asbesto. Com a interdição e a mudança do regime político, iniciou-se o debate sobre a reconstrução do Palácio da Cidade e de sua nova utilização. Conforme relatado por König⁶⁷, no ano de 2002 o parlamento alemão aprovou a reconstrução parcial do antigo palácio, causando a demolição do Palácio da República entre 2006 e 2008. Foi votado que o Palácio da Cidade sediará o Fórum Humboldt, em homenagem ao legado dos intelectuais e irmãos berlinenses Alexander e Wilhelm von Humboldt. Desejava-se que os acervos não-ocidentais fossem deslocados da antiga sede do Museu Etnológico, no subúrbio ocidental da cidade, para terem localização central na geografia da Berlim unificada.

O Palácio da Cidade simboliza o início das coleções da cidade, o que remete ao Gabinete de Arte [*Kunstkammer*], local que abrigou entre os séculos XVI e XIX, em conjunto, objetos da Antiguidade, etnologia, arte, artesanato e música. Como König⁶⁸ explica, o lugar representa o nascimento dos museus, da universidade e da biblioteca de Berlim. A simbologia é resgatada pelo Fórum Humboldt, uma vez que a edificação de 40 mil m² será ocupada pela Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano [*Stiftung Preußischer Kulturbesitz*], responsável pelos museus Etnológico e de Arte Asiática, além da Universidade Humboldt [*Humboldt-Universität*] e da Biblioteca Central e Estadual de Berlim [*Zentral- und Landesbibliothek Berlin*].

Mas, se por um lado, o lugar propõe o retorno às origens de Berlim, aquele foi também um dos locais em que Império Alemão expediu suas diretrizes coloniais, cuidou da administração de seus protetorados espalhados pelo mundo e da aquisição de objetos removidos dessas e outras regiões. A ida de objetos africanos a um palácio imperial soa contraditório dentro das propostas de ressignificação das coleções de arte não-europeia. Em verdade, a não inauguração do espaço permite com que sua administração repense modos de lidar com o acervo e formas de trabalhar as marcas do

⁶⁷ Id. 2011 p.45.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

colonialismo. König⁶⁹ acredita que as críticas à mudança de objetos etnográficos a um palácio prussiano tenham contribuído para expandir a discussão sobre o passado colonial da Alemanha para além dos círculos acadêmicos.

O RELATÓRIO DE SARR E SAVOY

No relatório encomendado por Macron, Sarr e Savoy discutem os efeitos da retirada violenta de patrimônio cultural e da posterior ausência deles em suas comunidades de origem e comentam sobre o volume de objetos africanos em museus europeus de etnologia, além de examinarem as condições jurídicas para restituições na França. Sua proposta para a execução de restituições é baseada no que eles denominam como “nova ética relacional”: a necessidade de reinventar relações sociais e políticas mediadas por objetos historicamente em diáspora, cuja trajetória nas comunidades locais, no comércio e nas instituições por onde passaram relatam características dos grupos que os possuíam⁷⁰. Devolver objetos saqueados não implica em aprisioná-los novamente em outras instituições. O que impera é que os povos prejudicados pelos saques ou comércio ilegal possam voltar a ser os proprietárias de seu próprio patrimônio cultural.

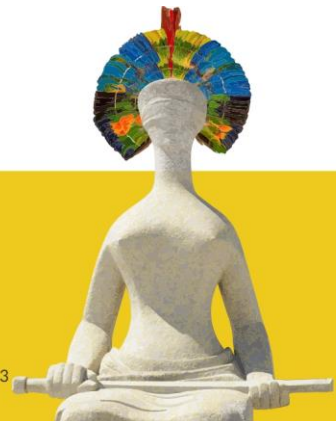
Os danos causados pela subtração de patrimônio, no entendimento de Sarr e Savoy⁷¹, atingem sobretudo o que eles chamam de "força de germinação" por interromper e sabotar potenciais e energias criativas, além de retirar de circulação forças que engendram formas alternativas do real. Com esse pensamento, é defendido que as restituições sejam acompanhadas de um trabalho historiográfico que reinvente modalidades relacionais, no intuito de superar a sensação de

⁶⁸ Ibid. p.118-120.

⁶⁹ Id. 2016, p.84.

⁷⁰ SARR; SAVOY 2018, p.39.

⁷¹ Ibid. p.40.



incompletude gerada pelo roubo do patrimônio e captura de sua memória. Sarr e Savoy⁷² entendem que processos de restituição abarcam somente parte dos objetos nas coleções estrangeiras, uma vez que eles possuem usos e atribuições distintas. Os pesquisadores recomendam que sejam feitas análises referentes a critérios históricos, tipológicos e simbólicos, no sentido de identificar o lugar desses objetos nas lutas políticas e no imaginário das suas comunidades de origem.

Não obstante, a maior dificuldade para dar cabo a pedidos de restituição é jurídica, uma vez que a lei francesa prevê a inalienabilidade de objetos constantes em coleções públicas.

RESPOSTAS DA ALEMANHA

No cenário alemão, paira uma atmosfera de incerteza quanto à verdadeira dimensão das coleções etnográficas. Isso porque não houve uma política coesa e contínua em relação à atualização dos inventários das instituições. Uma questão administrativa merece ser citada. Diferente da França, a Alemanha é regida por um sistema federativo em que os estados detêm relativa autonomia governativa. Isso se reflete na administração dos museus, cuja maioria é propriedade dos estados e não da União. Todavia, a repercussão na imprensa alemã da saída de Savoy do conselho consultivo do Fórum Humboldt e da exposição de seu posicionamento sobre como a instituição vinha lidando com a pesquisa em proveniência dos objetos adquiridos em contextos coloniais (julho de 2017) somada à pressão decorrente da declaração de Macron (novembro de 2017) e mais tarde a publicação da pesquisa de Sarr e Savoy (novembro de 2018), geraram notáveis movimentações para que a proveniência dos acervos seja objeto de problematizações e maiores pesquisas.

⁷² Ibid. p.44



Em maio de 2018, pouco mais de seis meses da sinalização de Macron pela restituição de patrimônio cultural africano, a Federação dos Museus Alemães [*Deutscher Museumsbund*] publicou a primeira edição de um guia para tratamento de objetos adquiridos em contextos coloniais. O grupo de trabalho encarregado da publicação foi formado por etnólogos, historiadores da arte, juristas, entre outros especialistas. Na introdução, é esclarecido que até então não havia nenhuma publicação do gênero direcionada a museus e coleções em território alemão⁷³.

O guia destina-se sobretudo a indicar meios para que museus possam identificar se objetos possuem passado colonial e como devem se dar negociações após o recebimento de pedidos de restituição. De todo modo, objetos pertencentes a coleções públicas somente podem ser restituídos diante de ordenamento jurídico que regule essa questão, o que ainda é inexistente. Alternativamente, é sugerido que sejam estabelecidas parcerias que possibilitem empréstimos de longo prazo ou publicações científicas conjuntas. No caso de pedidos de restituição, o guia considera ser decisivo conhecer as condições em que determinado objeto foi adquirido. Para tanto, a pesquisa em proveniência é ponto basilar a essas informações. Na publicação é defendido que os museus têm como responsabilidade mediar os traços de violência colonial que marcam seus acervos, mas que cada instituição deve encontrar a melhor maneira de chamar a atenção à proveniência desses objetos⁷⁴.

Uma segunda edição do guia foi publicada em julho de 2019 e contou com a contribuição adicional de 12 especialistas das chamadas “sociedades de origem” [*Herkunftsgesellschaften*], ou seja, sociedades de passado colonial em que foram produzidos objetos integrantes dos acervos. Logo na apresentação, AHRNDT *et al*⁷⁵ reconhecem que a pesquisa em proveniência foi negligenciada na Alemanha e são

⁷³ AHRNDT *et al*, 2018, p.8.

⁷⁴ *Ibid.* p.79-80.

⁷⁵ AHRNDT *et al*, 2019, p.7.



requeridos maiores investimentos para desenvolvimentos na área. Nas duas edições, os capítulos sobre recomendações quanto à pesquisa em proveniência são idênticos. Os pesquisadores entendem que a proveniência deve buscar reconstituir as condições em que os objetos foram adquiridos, disponibilizados ou apropriados. Ademais, é recomendado que, no caso da pesquisa em proveniência de objetos de contextos coloniais, deve ser levado em conta que esses regimes foram frequentemente marcados por violência e que o conhecimento das comunidades de origem sobre partes específicas da proveniência deve ser tratado como uma importante fonte de informação⁷⁶. Em todo caso, a restituição permanece como a exceção, pois o ordenamento jurídico que não prevê a disponibilidade de patrimônio dos museus submetidos à jurisdição dos entes federativos aos quais pertence.

No interstício entre as duas publicações merecem ser apontadas três declarações de intenções quanto ao tratamento de objetos adquiridos em contextos coloniais na Alemanha. Em fevereiro de 2019 o Conselho Alemão de Cultura [*Deutscher Kulturrat*], entidade formada por diversas associações culturais a nível federal, publicou documento expondo seu posicionamento sobre a questão. A entidade recomenda que sejam destinados maiores recursos à pesquisa em proveniência e que sejam adotados mecanismos de intercâmbio com especialistas das sociedades de origem, no intuito de expandir perspectivas para a além da europeia. É requerida a elaboração de um conceito que descreva meios para a restituição de objetos solicitados. Ademais, pede-se a criação de um portal unificado que contenha documentos e imagens digitalizadas de todas as obras ligadas ao período colonial⁷⁷.

⁷⁶ Id. 2018, p.57; 2019, p.99.

⁷⁷ Zimmermann *et al*, 2019, p.7-9.



Menos de um mês depois, em março de 2019, foi publicada uma declaração conjunta assinada pela Ministra de Cultura e Mídias, Monika Grütters, pelos encarregados do setor cultural de cada estado e pelas associações culturais das comunas alemãs. A carta apresenta intenções de ações conjuntas a serem colocadas em prática, no sentido de regular o tratamento dispensado a objetos de contextos coloniais. Entre os pontos elencados, destacam-se o compromisso de que os entes federativos criem condições jurídicas necessárias para restituições, a busca pelo diálogo com os estados e as comunidades marcadas pelo poderio colonial, bem como o pedido para que instituições que guardam objetos desse tipo em seus acervos comecem a dar cabo a pesquisas em proveniência, mesmo que não haja pedidos formais de restituição. Também é assumido o compromisso de informar aos países e comunidades afetadas sobre os objetos presentes em acervos alemães, inclusive com o oferecimento de consultoria com vistas a possíveis restituições⁷⁸.

Por fim, em maio de 2019, os diretores de museus etnológicos dos países de língua alemã apresentaram em Heidelberg posição conjunta sobre o tratamento de objetos adquiridos em contextos coloniais. As instituições se comprometem a i) cuidar para que todos que estejam ligados aos acervos, em função de sua história ou práticas culturais, possam estar em contato com as coleções em seus próprios locais de guarda; ii) compartilhar o conhecimento sobre os objetos com seus proprietários ou seus descendentes, entendendo isso como requisito para o alcance de relações mútuas de confiança; e iii) tornar públicas pesquisas em curso. São requeridos maiores recursos para a ampla digitalização das coleções e parcerias com estudiosos nas comunidades de origem. Os gestores defendem que suas casas já atuam como fóruns de diálogo e que são elas os locais com a

⁷⁸ ALEMANHA, 2019, p.6-8.



competência necessária para a realização dos compromissos assumidos e a tomada de decisão⁷⁹. Entre os signatários está Lars-Christian Koch, diretor do Museu Etnológico de Berlim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passamos por diferentes aspectos ligados ao controverso projeto do centro cultural Fórum Humboldt, um audacioso investimento para contribuir com a internacionalização cultural da Alemanha e cravar o lugar de Berlim como um polo contemporâneo do setor da cultura. Ainda que a ideia seja fazer da instituição, cujo próprio nome já remete ao diálogo e à expressão de diferentes pontos de vista, um centro de referência ao debate e circulação de arte não-ocidental contemporânea e do passado, um tratamento transparente quanto às origens de parte do acervo deve ser levado à esfera pública e passar pela discussão quanto a legitimidade da guarda de certos objetos.

Não obstante, a questão da carência das pesquisas em proveniência e a dimensão do acervo do Museu Etnológico sinalizam um longo trabalho com potencial de gerar enorme aprendizado, desde que a instituição se comprometa a de fato internacionalizar seus quadros de pesquisadores. A discussão sobre a restituição de objetos é algo que depende fundamentalmente de pedidos concretos e detalhados das comunidades de origem, o que somente é possível com a digitalização de acervos, uma política de empréstimos de longo prazo e a abertura das reservas técnicas ao exame estrangeiro. Por hora, ainda estamos na fase das declarações de intenções e o maior desafio que se apresenta é a busca por desenvolver um conceito geral de tratamento de objetos de contextos coloniais, diante da descentralizada administração pública alemã.

⁷⁹ HEIDELBERG, 2019, *online*.



A exposição midiática da forma com que o tema da proveniência vinha sendo tratado pela administração do Fórum Humboldt, a partir da entrevista concedida por Bénédicte Savoy e a pressão gerada pelo relatório dela e de Felwine Sarr sobre o caso francês certamente foram fatores que impulsionaram posicionamentos oficiais das entidades ligadas à cultura e aos museus alemães quanto à origem de seus acervos. Tamaña responsabilidade assumida requer acompanhamento contínuo e acessível a pesquisadores das chamadas “sociedades de origem”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHRNDT, Wiebke, *et al.* **Leitfaden zum Umgang mit Sammlungsgut aus kolonialen Kontexten**. 2ª ed Berlim: Deutscher Museumsbund e.V, 2019.

_____. **Leitfaden zum Umgang mit Sammlungsgut aus kolonialen Kontexten**. 1ª ed. Berlim: Deutscher Museumsbund e.V, 2018.

ALEMANHA. **Kulturministerkonferenz: Eckpunkte zum Umgang mit kolonialer Raubkunst**. *Online*, 2019. Disponível em: https://www.kmk.org/fileadmin/pdf/PresseUndAktuelles/2019/2019-03-25_Erste-Eckpunkte-Sammlungsgut-koloniale-Kontexte_final.pdf. Acesso em 17 de julho de 2019.

ESSNER, Cornelia. Berlins Völkerkundemuseum in der Kolonialära: Anmerkungen zum Verhältnis von Ethnologie und Kolonialismus in Deutschland. In: **Deutschland in Geschichte und Gegenwart: Jahrbuch des Landesarchivs Berlin**, p.65-94. Berlim: Siedler,1986.

HEIDELBERG. **Dekolonisierung erfordert Dialog, Expertise und Unterstützung: Heidelberger Stellungnahme**. *Online*, 2019. Disponível em: <https://www.museenkoeln.de/rautenstrauch-joest-museum/>. Acesso em 18 de julho de 2019.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

KÖNIG, Viola. Renaming ethnographic museums. Implications and strategies for the presentation of the collections: the example of the Humboldt Forum in Berlin. In: **Museumskunde**, v. 81, caderno 1, p.80-86, 2016.

_____. Humboldt-Forum: Der lange Weg 1999-2012. Maria Gaida, Paola Ivanov e Viola König (Orgs.). **Baessler-Archiv: Beiträge zur Völkerkunde**. v.59. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 2011.

KÖNIG, Viola, *et al.* **Concept for the Presentation of the Non- European Collections in the Humboldt- Forum**. Berlin: Staatliche Museen zu Berlin, 2009.

OPOKU, Kwane. **Humboldt Forum and Selective Amnesia: Research Instead of Restitution of African Artefacts**. *Online*, 2017. Disponível em: <https://www.modernghana.com/news/824314/humboldt-forum-and-selective-amnesia-research-instead-of-re.html>. Acesso em 22 de julho de 2018.

PAZINGER, Hermann. **Das Humboldt Forum: Aufgabe und Bedeutung des wichtigsten Kulturprojekts in Deutschland zu Beginn des 21. Jahrhunderts**. Berlin: Stiftung Berliner Schloss – Humboldtforum, 2011.

SARR, Felwine; SAVOY, Bénédicte. **The Restitution of African Cultural Heritage**. Toward a New Relational Ethics. Tradução de Drew S. Burk. *Online*, 2018 Disponível em: <https://restitutionreport2018.com/>. Acesso em 22 de julho de 2019.

Zimmermann, OLAF, *et al.* **Sammlungsgut aus kolonialen Kontexten: Stellungnahme des Deutschen Kulturrates sowie Texte aus Politik & Kultur**. *Online*: Deutscher Kulturrat e.V., 2019. Disponível em: <https://www.kulturrat.de/wp-content/uploads/2019/03/Dossier-Kolonialismus.pdf>. Acesso em 20 de julho de 2019.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3